



AS TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO E DA INFORMAÇÃO A FAVOR DA INCLUSÃO: DIÁLOGOS COM PROFESSORAS EM SERVIÇO

MARTINS, Claudete da Silva Lima¹; PORTO, Tania Maria Esperon²

¹Doutoranda em Educação, PPGE- FaE/UFPel – claudete8@yahoo.com.br

²Professora Orientadora, PPGE - FaE/UFPel – taniaporto@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe-se a socializar a etapa inicial da pesquisa para a tese de Doutorado intitulada *As tecnologias da comunicação e da informação a favor da inclusão: diálogos com professoras em serviço*, que será realizada com educadoras especiais que atuam nas salas de recursos das escolas de Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Bagé/RS. O objetivo da pesquisa é mapear as tecnologias da comunicação e da informação existentes nas salas de recurso das escolas da rede municipal de ensino de Bagé-RS, verificando com quais metodologias, objetivos e propostas elas são utilizadas, para, a partir desta análise, investigar (tendo por referência os princípios norteadores da Pedagogia da Comunicação) práticas educativas inovadoras, mediadas por tecnologias, que sejam desenvolvidas a serviço da inclusão de alunos com necessidades especiais.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia escolhida para esta pesquisa é a qualitativa aproximando-se dos parâmetros caracterizadores pesquisa participante (Brandão, 1982), buscando além da investigação, o desenvolvimento de uma práxis que de fato contribua na vida dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Segundo Streck (2006, p.270) “A pesquisa é interação múltipla de sujeitos: Pesquisar é um ato de conhecer o que acontece entre sujeitos, um movimento que reflete a vida e gera vida”. Assim, os sujeitos da pesquisa (professoras em serviço) desempenharão um papel fundamental na pesquisa, não sendo meros objetos e, sim sujeitos históricos, atores e co-autores, vivendo e fazendo viver a realidade da pesquisa que será realizada. Para Porto (2008, p. 58) o processo “de reflexão sobre e com o professor propicia o desvelamento dele numa exposição para si e para os outros”, portanto, espera-se que no processamento da pesquisa a reflexão com os professores, a respeito da temática investigada, promova a construção de espaços dialógicos e comunicacionais.

Nesse sentido, será investigada a existência de práticas inovadoras, fundamentadas nos princípios da Pedagogia da Comunicação e mediadas pelas tecnologias da comunicação e da informação (TICs), desenvolvidas pelas professoras que atuam na Educação Especial, no espaço das salas de recursos,

com vistas a favorecer a inclusão dos alunos que freqüentam este espaço. Busca-se refletir e valorizar as práticas pedagógicas inovadoras investigadas, fazendo a pesquisa com muitas mãos, usando a expressão de Brandão (2003).

A Rede Municipal de Ensino de Bagé, no ano de 2007, segundo dados informados pela Secretaria Municipal de Educação (SMED), possuía 250 alunos com necessidades educativas especiais/deficiências e 270 alunos com dificuldades acentuadas de aprendizagem, estando todos eles incluídos nas classes comuns das escolas municipais. Estes alunos foram atendidos por 51 professores municipais especializados na área de Educação Especial, sendo que destes, 27 atuaram prestando serviço de apoio especializado nas 26 salas de recursos existentes. A sala de recursos é um dos locais onde o serviço pedagógico de apoio especializado pode ser oferecido, constituindo-se num espaço onde o professor da Educação Especial, poderá realizar práticas inclusivas, com vistas à complementação ou suplementação curricular dos alunos matriculados nas classes comuns, através de recursos e instrumentos específicos.

Certamente, a existência de professores especializados em Educação Especial e de espaços para serviços pedagógicos de apoio, com equipamentos, recursos e materiais específicos, constitui um grande avanço. Porém, não há garantia que os materiais e equipamentos existentes nesses espaços sejam efetivamente utilizados em práticas pedagógicas a favor do processo de inclusão dos alunos que freqüentam esses espaços.

Há a exigência que o professor que irá atuar no serviço pedagógico de apoio especializado tenha formação para tal, mas não necessariamente que ele saiba utilizar os equipamentos e materiais que lhe estarão disponíveis no espaço de atuação da sala de recursos. Portanto, poderão existir professores especializados em Educação Especial, que não saibam ou tenham dificuldade em lidar com os recursos que lhe estarão disponíveis nesse espaço.

Dentro deste contexto, os recursos (entre eles as tecnologias da comunicação e da informação) poderão ser utilizados nesses espaços de diversas formas, ou seja, poderão tanto se tornar instrumentos para práticas reprodutoras, onde o que se altera são apenas os recursos; ou como propulsores de práticas inovadora, inclusivas e comunicacionais.

O presente Projeto de Pesquisa, se propõe a investigar práticas educativas inovadoras, mediadas por tecnologias, que sejam desenvolvidas nas salas de recursos da Educação Especial, a serviço da inclusão de alunos com necessidades especiais, contribuindo para refletir a respeito destas práticas e quiçá nas palavras de Freire (2004, p. 29) “(...)conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.”

No desenvolvimento da pesquisa, serão utilizados os seguintes instrumentos e técnicas: questionários, observações participantes, entrevistas, caderno de campo e constituição de grupo focal com os sujeitos da pesquisa: educadoras especiais, no intuito de coletar e analisar dados; promover a reflexão e construir referencial teórico e prático a respeito da temática investigada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO PRELIMINARES

O verbo excluir nos direciona a pensar na ação de colocar para fora algo ou alguém que está dentro, e incluir, de trazer para dentro algo ou alguém que está fora. No sistema educacional vigente, de modo geral, o que temos presenciado é

incluir excluindo, ou seja, as pessoas são incluídas dentro de uma instituição educacional e ao mesmo tempo, permanecem excluídas, por uma série de razões, que tanto podem ser de origem econômica, política e social quanto cultural.

A inclusão não tem fim em si mesmo, é um processo dinâmico, processual e sistêmico, cujo propósito maior é a construção de um mundo cada vez mais justo e democrático, para todos e todas.

Dessa forma, mais do que garantir o acesso das pessoas com necessidades especiais a educação de qualidade, é preciso garantir também a permanência, a aprendizagem, a liberdade e o direito de “ser mais”, categoria utilizada por Freire (2004).

Dentro desse contexto, a sala de recursos na Educação Especial, pode constituir-se num espaço profícuo, motivador, inclusivo, democrático, autônomo, amoroso, inovador e libertador. Assim, as tecnologias presentes nessas salas, podem contribuir nesse processo, como propulsoras de práticas inovadoras que estejam efetivamente a serviço da inclusão e não da reprodução, manipulação, marginalização, opressão e exclusão.

As tecnologias (enquanto recursos) podem ser utilizadas a favor deste processo, dependendo dos objetivos, finalidades e propostas com que se propõe sua utilização. Moran (2000, p.35) afirma que:

Fazemos com as tecnologias mais avançadas o mesmo que fazemos conosco, com os outros, com a vida. Se somos pessoas abertas, iremos utilizá-las para nos comunicarmos mais, para interagirmos melhor. Se somos pessoas fechadas, desconfiadas, utilizaremos as tecnologias de forma defensiva, superficial. Se somos pessoas autoritárias, utilizaremos as tecnologias para controlar, para aumentar nosso poder. O poder de interação não está fundamentalmente nas tecnologias, mas nas nossas mentes.

Essa idéia serve para estarmos atentos ao caráter específico da formação docente e das práticas pedagógicas. A inserção das tecnologias, por si só, não constitui um avanço educacional em termos de concepção de pessoas e de interação entre pessoas. Ela pode potencializar o conjunto das relações e a busca de novas práticas. O método educacional, entretanto, precede a ferramenta nova.

É preciso promover a superação da racionalidade tecnológica, resgatando o compromisso ético e humanizador da educação, onde as tecnologias são os meios e não os sujeitos do processo, portanto, elas não são boas ou ruins em si mesmas, depende de quem as utiliza e a serviço do que e de quem.

4. CONCLUSÃO

Atualmente, ainda existe carência de pesquisas relacionadas com a utilização das tecnologias a serviço da inclusão e, mais especificamente, direcionadas à Educação Especial, talvez em razão da própria realidade em que vivemos, onde os processos desumanizantes ocorrem camuflados por uma áurea de normalidade, que acaba apenas encobrendo preconceitos, estereótipos e estigmas, pois eles continuam existindo. Dessa forma, em nome de padrões pré-estabelecidos de normalidade ou de ser humano ideal, inúmeras pessoas são excluídas e marginalizadas.

Nesse contexto, promover a aceitação, a valorização, o respeito, a análise, a reflexão a respeito das diferenças é o início do processo de inclusão, indo muito além das concepções baseadas na segregação, na integração, na normalização, na padronização e na medicalização. Pois a inclusão pode potencializar a construção de uma visão de mundo mais humana, oportunizando uma riqueza incalculável de possibilidades, dentro da diversidade que a compõe. Assim, pode-se inferir que a inclusão não é utopia, mas precisa ser realizada como um processo sério, gradativo, eficiente e comprometido; necessitando de pessoas capacitadas e sensibilizadas para executá-la; de estruturas de grande e pequeno porte para sustentá-la, de recursos para efetivá-la e de muito amor ao próximo e a si mesmo para realizá-la.

A investigação de práticas inovadoras, mediadas por tecnologias, na Educação Especial, busca através da reflexão, da ação e da valorização de saberes e práticas desenvolvidas, vislumbrar horizontes de novas possibilidades, que permitam resistir aos processos desumanizantes e fortalecer a esperança de construção de educação feita com as pessoas e não para elas.

Neste momento, as análises e reflexões encontram-se em processamento, e a pesquisa está em busca de questões mais do que de respostas, uma vez que estamos levantando dados e percepções iniciais para construir a própria pesquisa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador.** São Paulo: Cortez, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa,** 30 ed.. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- MORAN, José Manuel, MASSETO, Marcos T. e BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 12 ed.. Campinas: Papirus, 2000.
- PORTO, Tania Maria Esperon. **Práticas de ensino – a pesquisa como reflexão na e sobre a ação docente.** (org.). Pelotas: Editora Seiva, 2008.
- STRECK, Danilo Romeu (org). **Pesquisa Participante: a partilha do saber.** São Paulo: Idéias e Letras, 2006.